

A EDUCAÇÃO SEGUNDO PLATÃO: UMA DISCUSSÃO SOBRE PROCESSOS DE ENSINAR E APRENDER A VIRTUDE.

PEREIRA, Beatriz Quaglia - UNISANTOS
beatriz_quaglia@yahoo.com.

Resumo

O presente trabalho é parte integrante de pesquisa em Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação, em fase de conclusão, que surgiu do questionamento sobre a finalidade da educação e sobre se a educação se destina apenas a formar habilidades ou a formar a virtude. A pesquisa adota por referencial teórico fundamental as obras de Platão em que o filósofo se refere à Educação; dentre elas, o diálogo *As leis*, aqui analisado, e cujo tema é largamente discutido. Este trabalho parte do princípio de que a cultura grega clássica outorga ao ideal educacional o *status* de bem supremo da vida, e guarda como meta última a formação de cidadãos virtuosos. Desta forma, constitui-se como fonte fundamental de investigação no que tange aos conceitos e princípios de ensino-aprendizagem adotados. O objetivo foi levantar a questão: em que medida o pensamento clássico grego a respeito da educação pode trazer respostas a necessidades atuais da educação, especialmente à questão da formação de valores? Vale dizer que o uso que se deu ao termo virtude é similar ao conceito grego *areté*, ou seja, a capacidade de vivência dos valores essenciais à alma humana. Também foi brevemente investigado o que o diálogo platônico trata sobre as práticas que auxiliam o processo de educação da virtude. Ao final foi tecida breve análise a respeito de que práticas educativas são propostas pelos livros didáticos de filosofia, adotados em escolas da rede pública estadual da cidade de Santos-SP, confrontando-se com os conceitos a respeito de educação e virtude propostos por Platão. Resultados preliminares, e restritos a este campo investigativo, apontam que na escola de hoje o ensino e a aprendizagem da virtude não são considerados de forma estrita, ou não estão sistematizados adequadamente.

Palavras-chave: educação – virtude – ensino-aprendizagem

Introdução

O presente artigo é decorrente de pesquisa levada a efeito, para fins de Mestrado, junto ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos, já em fase de conclusão.

A necessidade da pesquisa nasceu do questionamento sobre se o educador se pergunta sobre a finalística da educação, e sobre o que deve ser ensinado para que efetivamente se faça a educação.

A pesquisa toma por base o conceito de educação como sendo o processo de eduzir, do latim *eductionis*, que significa a “ação de deitar fora, de lançar para fora; prolongamento [...]” (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, p.1101), trazer à tona o que é inato em cada um, fazer aflorar os valores que são inerentes à condição humana.

A necessidade foi de adotar por referencial teórico o pensamento da filosofia clássica grega, vez que o ideal grego de educação era concebido nos termos acima descritos, e justificava todo o esforço, remontando a um tempo e lugar marcados por uma meta educativa e pela formação de cidadãos virtuosos, cientes de seu dever de ocupar um lugar em sua evolução individual e na sociedade. O filósofo escolhido foi Platão, em razão do cerne educacional de seus diálogos, tema a que se outorgou um sentido ético ao nível de se constituir como o supremo bem e a suma felicidade humana.

Esta época histórica guarda uma contenda que hoje permeia (ainda que sem fazer grande tumulto) as discussões a respeito de qual a finalística da educação. Vale mencionar a célebre contenda entre Sócrates e Protágoras (sintetizada no diálogo *Protágoras*, de Platão) versando (grosso modo) sobre se o saber deve servir à virtude ou ao poder. Não avançaremos no tema porque este é um trabalho voltado à educação e não à filosofia, mas este primeiro esclarecimento é aqui feito para que se dê uma perspectiva desde a qual o leitor poderá entender a abordagem desenvolvida.

Vamos à Grécia clássica porque é onde e quando despontaram grandes gênios da educação, com suas respectivas expressões. Jaeger refere-se a Platão como sendo “o verdadeiro filósofo da *Paidéia*” (JAEGER, 2003, p.477). Mas, longe de nos limitarmos a este filósofo, citamos Homero, Hesíodo, Sócrates, dentre tantos outros cujos trabalhos referentes à educação atravessaram as fronteiras do tempo e do espaço, convocadas pela necessidade que nós, educadores, temos de encontrar respostas aos questionamentos sobre o cerne da verdadeira educação, e nos chegam ao hoje e ao aqui exalando algo de seu frescor original.

Assim, o objetivo da pesquisa, e deste trabalho de forma mais pontual, é saber em que medida o pensamento clássico pode responder aos questionamentos modernos a respeito do conceito específico de educação na virtude. Ou seja, em que medida pode, hoje, oferecer respostas às perguntas que sussurram aos ouvidos dos educadores carentes conscientes da premente necessidade de formação de valores: O processo educativo é restrito à formação técnica, ou abrange a formação de virtudes? E se é assim, a atitude virtuosa pode ser ensinada? E se pode, quais as práticas educativas que levam a isto? Há em Platão algum indicativo para as respostas de que hoje carecemos?

Esta proposta pode permitir-nos realizar o necessário exercício intelectual suprahistórico de buscar em nossas bases históricas a ponte de resgate de concepções e práticas educativas que atendam à necessidade de formação dos valores da alma humana - da educação na virtude.

Educação e virtude em Platão

A questão da *educação* e da *virtude* são temas sempre presentes na obra de Platão. Em muitos diálogos encontramos os temas da *educação* e da *formação na virtude* concebidos como cerne da formação do cidadão político e do embrião do Estado justo.

A título de exemplificação preliminar, Jaeger (2003) diz que a educação pela filosofia provou ser a única verdadeira, e neste trabalho me valerei da filosofia platônica para buscar as referências filosóficas a respeito da educação e da virtude, e a relação entre ambas. A própria *Paidéia* de Jaeger adota o pensamento de Platão como uma referência para esse estudo.

Vale explicar, ainda que brevemente, que *paidéia* é o termo grego para *educação*. Em uma acepção pura do termo, o ideal grego clássico de educação justifica-se na necessidade de formação da *areté*, ou da virtude. O significado do termo *areté* encontra, nesse contexto, relação com uma grandeza de alma e com uma personalidade espiritual. Jaeger (2003) bem observa que a razão do emprego do termo grego quer significar que, para compreendê-lo, devemos vê-lo com os olhos gregos, e não com os olhos modernos. Faz-se necessário, ainda que por um instante, nos reportarmos à mentalidade da época, não por anacronismo ou nostalgia, mas sim para buscar no nosso próprio berço cultural o espírito sempre fresco da educação como o caminho para a construção de um tipo moralmente elevado de homem.

Jaeger assevera que o conhecimento essencial da formação grega constitui base fundamental para o intento da educação atual. A mencionada pesquisa se empenha em verificar a razão e o método para tanto.

Educação e virtude em *As leis*

Agora desçamos em maior detalhe no trato da questão da educação situada na obra pretende ser objeto de nosso estudo: *As leis*¹.

A razão pela qual este diálogo foi escolhido como principal referência teórica à pesquisa – para este trabalho – deve-se a que versa sobre a definição da verdadeira finalística da educação e sobre os axiomas que norteiam o educador na realização deste mister. O diálogo realiza o intento em uma linguagem que lhe é peculiar, concebendo leis que, obedecidas, conduzam o homem (sempre no status de ser em processo de formação) em sua educação como cidadão virtuoso. Este diálogo representa um pilar fundamental na *paidéia* grega (JAEGER, 2003).

Aqui Platão tece íntima relação entre educação e virtude.

¹ Diálogo da fase da velhice de Platão, e que trata do ideal político adaptado às contingências históricas. Nesta obra a figura do legislador é entendida como aquele que prescreve o modo de vida virtuoso como forma de educar o homem, infundindo a ética nos axiomas fundamentais da construção da sociedade e nos pormenores da vida cotidiana. O diálogo parece querer encontrar a norma última da virtude e da perfeição do homem.

Pela fala da personagem *Ateniense*, faz interessante analogia entre o Estado e a alma humana, apresentando o panorama em que o tema será investigado. Apresenta ambos - Estado e homem - como realidades complexas e heterogêneas, naturalmente desarmoniosas e em permanente estado de guerra interna:

[...] coletivamente todos são pública e privadamente inimigos de todos, e individualmente também cada um é seu próprio inimigo. [...] É precisamente nessa guerra, meu amigo, que a vitória sobre o eu é de todas as vitórias a mais gloriosa e a melhor, e a auto-derrota é de todas as derrotas de pronto a pior e a mais vergonhosa, frases que demonstram que uma guerra contra nós mesmos existe dentro de cada um de nós (PLATÃO, 1999, p.69).

Diz que individualmente temos duas partes de nós, e cada um de nós é parcialmente superior a si mesmo e parcialmente inferior. Da mesma forma – e por analogia - em uma casa, em um povoado ou em um Estado a mesma composição se repete.

Para elucidação, propõe imaginemos que em uma família existam irmãos, filhos dos mesmos pais, que sejam uns bons e justos, e outros maus e injustos. Supõe que estes irmãos poderiam dispor de um juiz que lhes trouxesse unidade na família, e que poderia haver três tipos de juízes diferentes: um primeiro juiz que destruísse os maus irmãos e permitisse aos bons governar; um segundo juiz que fizesse os bons irmãos governar e permitisse ao mesmo tempo que os maus vivessem submetidos voluntariamente ao governo daqueles; ou um terceiro juiz que não destruísse nenhum componente da família dividida, mas que os reconciliasse e decretasse leis que lhes assegurasse a amizade permanente. E conclui que o terceiro juiz seria o melhor juiz, pois teria como causa para legislar sobre a convivência da família e não sobre a guerra.

Resolvida a guerra interna da família, esta pode então ir à guerra externa prover seu sustento. Mas a família que não se harmonizou entre seus distintos membros antes de sair a conquistar sua vitória externa no Estado de que faz parte, esta não logrará sucesso.

Conclui, então, que o primeiro cuidado deve ser com a guerra e busca da harmonia interior, e apenas depois a exterior.

Da mesma forma, a primeira guerra a ser travada é pela harmonização interna entre os elementos que conformam a alma, e assim a alma do homem terá sucesso não por ser boa por determinação de leis externas a si, mas sim por disposição própria interior.

Para que atinja este *status* de harmonia e unidade interior, diz que, assim como no Estado a regência do conflito se faz pela lei, na alma humana o conflito é regido pela *razão*. Tanto no Estado como no homem há uma parte que deve governar e outra que deve ser governada.

A este exercício de governo, no homem, chama educação; à capacidade de obediência aos ditames da razão, Platão chama virtude.

[...] quando o prazer, a dor, o amor e o ódio nascem com justeza nas almas antes do despertar da razão, e uma vez a razão desperta, os sentimentos se harmonizam com ela no reconhecimento de que foram bem treinados pelas práticas adequadas correspondentes, e essa harmonização, vista como um todo, constitui a virtude; mas a parte dela que é corretamente treinada quanto aos prazeres e aos sofrimentos, de modo a odiar o que deve ser odiado, e a amar o que deve ser amado, essa é aquela que a razão isolará para denominá-la educação. (PLATÃO, 1999, p.103)

Sobre a virtude

O ideal de educação é justificado pela necessidade da formação do homem na virtude.

Chauí (1994) explica que o termo virtude deriva do grego *areté*, que significa mérito ou qualidade daquele que tem a excelência do corpo, da alma e da inteligência. Indica um conjunto de valores (físicos, psíquicos, morais, éticos, políticos) que conforma um modelo de excelência de valores humanos.

Em sua acepção latina, virtude deriva de, *virtus,ütis*, que significa:

Virtude: 1. qualidade do que se conforma com o considerado correto e desejável. 2.1. hábito adquirido ou tendência inata para as boas ações [...] ETIM. lat. *virtus,ütis* ‘força corpórea, ânimo [...] boas qualidades morais, mérito’, e “vir(i/o) antepositivo, do lat. *virus,i* “sumo, suco [...] (HOUAISSS, 2002, p.2870).

Platão conceitua a virtude como a relação harmoniosa que se dá internamente no homem entre os preceitos da razão e o sentimento que a ela se submete. A virtude é uma docilidade do temperamento que vigorosamente obedece à inteligência.

Encontramos no pensamento platônico que o primeiro que deve ser formado no homem é a virtude, eis que trata do treinamento dos sentimentos. Este treinamento é possível (e necessário) que ocorra desde a mais tenra idade, eis que toda a criança já nasce com um temperamento. A formação intelectual é posterior a ela.

Não é objeto do presente estudo, mas vale observar que o filósofo detalha cada faculdade humana que é desenvolvida em cada faixa etária que lhe é respectiva, prognosticando uma ordem lógica de saberes a serem desenvolvidos a cada etapa de amadurecimento.

Em *As leis* Platão relata a interessante parábola das marionetes. Diz que todo homem possui opiniões ou expectativas acerca do futuro: há as expectativas que precedem a dor e são chamadas *medo*, e as expectativas que precedem o prazer e são chamadas *confiança*. Diz que todo homem possui ainda o que chama de *avaliação*, ou faculdade de conhecer qual das expectativas é boa e qual é má. E supõe que cada homem seja uma engenhoso marionete dos deuses, tendo os sentimentos interiores como tendões que nos arrastam e arrastam-se uns contra os outros para ações contrárias. A linha divisória entre as direções opostas em que se degladiam as trações opostas dos fios separa a virtude do vício. Explica que há apenas um tendão cuja tração o homem-marionete obedece, e dentre todas as forças de tração esta é que contrabalança a tração nos outros tendões, e não a solta por nenhuma razão ou circunstância, porque é o tendão condutor, dourado e sagrado, flexível e uniforme, por ser de ouro, e não duro como os demais tendões de aço – é o fio da avaliação, ou da virtude.

Platão relaciona a virtude com a obediência ao movimento da avaliação, e o vício com a submissão do movimento às forças do medo e da confiança.

Para o filósofo, a forma da virtude é a de obediência à avaliação que precede o conhecimento do que é bom ou mal. Já a forma do vício é a do medo, quando precede a dor, e a de confiança, quando precede o prazer. Observamos que a conduta da virtude apenas existe quando a marionete se liberta da força de oposição dos cordões da dor e do prazer, e logra obedecer à tração do fio da avaliação.

Mas como logra este estado de auto-domínio, em que a virtude sobrepuja a tendência ao vício?

Platão aporta com uma regulamentação de conduta à qual todo homem, desde criança, deve ser submetido, a fim de que treine seu sentimento a amar o que é bom e a odiar o que é mau, antes mesmo de que a razão desperte. Entendemos como um treinamento para a formação da virtude. Desta maneira, quando a razão despertar e discernir o que é o bom e o mal, seu sentimento atuará docilmente, e sua alma não enfrentará discórdia entre suas distintas partes, mas integração.

Sobre a educação

Se por um lado chama-se *virtude* à harmonização do sentimento dócil à razão; por outro lado, a disciplina dos prazeres e das dores, o treinamento a amar o que deve ser amado, e a repudiar o que deve ser repudiado, é o que se chama *educação*.

Ou seja, há uma clara finalística para a educação, que é a formação da virtude, ou do estilo de vida conforme os valores da alma.

No diálogo em questão, Platão, pela boca do *Ateniense*, discorre a respeito da educação. Primeiramente, diz que todo homem que almeja ser bom em alguma atividade necessita, desde a infância, dedicar-se a esta atividade, ainda que sob a forma de brincadeiras e jogos. Seus educadores devem introduzir-lhe instruções básicas nas matérias necessárias à referida

atividade, e introduzi-lo no manejo de brinquedos que sejam modelos exatos das ferramentas de trabalho pertinentes à atividade em questão.

O menino que pretende ser um bom construtor de casas necessita, na infância, brincar de construí-las, e ser iniciado na brincadeira da carpintaria e no manejo de réguas e trenas de brinquedo.

Desta forma, explica preliminarmente que a educação “consiste na formação correta que mais intensamente atrai a alma da criança durante a brincadeira para o amor daquela atividade da qual, ao se tornar adulto terá que deter perfeito domínio” (PLATÃO, 1999, p.92).

Mas em seguida apresenta este conceito de educação apenas como conceito preliminar, pois logo levanta a pertinente questão de que tendemos a crer que um homem é educado ou não-educado a despeito de ser ou não um bom profissional.

Platão considera superficial e indigno tomar o termo educação restrito à formação de habilidades voltadas ao ganho econômico, vigor físico ou de qualquer outra habilidade que não guarde uma finalística relacionada ao desenvolvimento de valores inatos à natureza da alma humana. E assim, explica que não é a formação técnica que constitui a verdadeira educação, e conceitua esta como o “treinamento desde a infância na virtude, o que torna o indivíduo entusiasticamente desejoso de se converter em um cidadão perfeito, o qual possui a compreensão tanto de governar como de ser governado com justiça [...]” (PLATÃO, 2002, p.94).

As práticas adequadas para ensinar e aprender a virtude

Lembrando que Platão propõe que os sentimentos se harmonizam com a razão quando bem treinados pelas práticas adequadas correspondentes, passemos a levantar alguns aspectos concernentes ao tema e discuti-los em sua acepção prática.

A pesquisa em questão tem se enveredado pelo desafio de descobrir se os livros didáticos da disciplina de filosofia aportam com elementos para a educação na virtude, seja na forma como desenvolvem seu conteúdo, seja nas práticas propostas.

Os livros didáticos escolhidos encontram-se dentre os adotado nas escolas da rede pública estadual da cidade de Santos/SP. Abstemo-nos de mencionar os títulos e autores das obras em razão de que a análise está ainda fase de conclusão.

Preliminarmente, constatamos o que segue: No que diz respeito às práticas propostas, os livros didáticos trazem questões e exercícios. As questões exigem do aluno esclarecimentos sobre os principais períodos históricos da filosofia, sobre datas e nomes de importantes pensadores, esclarecimentos sobre conceitos importantes à disciplina, relação entre conceitos. Os exercícios exigem do aluno análises comparadas entre escolas filosóficas, exame de diferenças entre distintas correntes de pensamento filosófico, e outras exigências neste mesmo sentido.

Até o momento constatamos que as práticas propostas pelos livros didáticos cingem-se à atividade intelectual.

Não verificamos proposta de atividades que envolvam o fortalecimento emocional e a lapidação do temperamento. Dentre as atividades inventariadas, nenhuma é ensejadora de um laboratório neste sentido, como podem ser - por exemplo - os desafios que exijam do aluno o exercício do auto-domínio físico e emocional; provas físicas com um considerável grau de aventura que confrontem o aluno com o medo ante o perigo (calculado), com o risco, com a possibilidade de erro; trabalhos em equipe que exijam a aceitação e integração de diferentes personalidades; provas que exijam superação de limites de resistência física ou psíquica.

Apenas a título de exemplo, determinados esportes radiciais, desafios selvagens, trabalhos voluntários, dentre outros, conformam este laboratório propício ao confronto com a necessidade de treinamento dos sentimentos – se apropriadamente conduzidas sob o intento educativo.

Considerações finais

Em uma abordagem ainda não finalizada já podemos vislumbrar que as atividades práticas propostas não guardam uma relação direta com a formação da virtude no sentido de treinar os sentimentos a se fortificarem e se harmonizarem com a razão, viabilizando-a.

Se, hipoteticamente, imaginamos que um jovem logre formar suas convicções a respeito de temas que lhe sejam importantes, como seria o passo seguinte à formação das convicções e elaboração intelectual de metas? O jovem de nossa hipótese estará habilitado a pôr sua estrutura psíquica e física a funcionar para o atendimento do que sua razão lhe diz? Em que medida seu temperamento pode atraí-lo neste intento? Que sorte de conseqüências podem advir da formação intelectual para conceber metas de vida confrontada com a inabilidade sentimental para querê-la e sustentar as exigências psíquicas da conquista?

Preliminarmente se esboçam indícios de uma contribuição positiva do pensamento platônico para a educação atual, vez que os processos de ensinar e aprender necessariamente devem contemplar a formação não apenas da inteligência, mas igualmente do fortalecimento sentimental – ou da virtude – a fim de que os ideais alcançados pela razão dos jovens a respeito de si mesmos e da sociedade em que vivem não se frustrem justamente em razão de uma carência educativa nesse sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PLATÃO. **As leis**. 1 ed. São Paulo: Edipro. 1999.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Nova Cultural. 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia – volume 1 – Dos Pré-Socráticos a Aristóteles**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras. 1994.

JAEGER, Werner. **Paidéia: A formação do homem grego**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2002.